

INSTITUTO DE ZOOLOGIA MARÍTIMA «DR. AUGUSTO NOBRE»

# Uma instituição de ensino e investigação voltada para a aplicação prática

• É preciso reabrir o aquário

**Durante uma semana, entre 19 e 25 de Outubro último, o Instituto de Zoologia Marítima «Dr. Augusto Nobre» mostrou ao grande público aspectos importantes das actividades que vem desenvolvendo nos domínios do ensino, da investigação científica e dos serviços especializados que presta à comunidade.**

**A cuidada exposição, organizada para o efeito, foi integrada nas comemorações do 75.º aniversário da Universidade do Porto, uma vez que o instituto faz parte da sua Faculdade de Ciências**

Com ela, pretendeu-se alertar a opinião pública para uma nova etapa desta velha instituição, cuja actual designação de Instituto de Zoologia e Estação de Zoologia Marítima «Dr. Augusto Nobre» sucede à de «Museu Zoológico e Estação de Zoologia Marítima», criada pelo Decreto n.º 12492, de 1924. A Estação de Zoologia Marítima, com o seu aquário, foi fundado pelo professor Augusto Nobre, tendo sido inaugurada em 1927.

Ao longo de uma história de seis décadas, independentemente das designações que lhe têm sido atribuídas, esta instituição vem-se dedicando especialmente ao ensino e à investigação científica e, desde há alguns anos a esta parte, também à área científico-tecnológica, isto é, aos serviços especializados de que atrás se fala. Tempos houve, no entanto, em que a extensão cultural foi também uma das actividades ali desenvolvidas, pelo menos enquanto existiu o aquário, o qual, depois de ter estado num processo de degradação, foi destruído por completo, em consequência dos temporais marçanhos de 1976.

Os infortúnios temporais vieram agravar outros males que prejudicavam igualmente as condições de trabalho no instituto. Hoje, porém, com as obras de remodelação efectuadas no edifício onde está instalado e com a aquisição de novos equipamentos, sobretudo desde 1983, está a viver uma nova época, a atravessar um período de revitalização, nomeadamente no campo da investigação, graças também ao aumento do número de assistentes que ali têm tido a oportunidade de efectuar trabalhos de grande valor, alguns dos quais já serviram de provas de doutoramento. De referir que, nesta área - biologia aquática e aquacultura - até há bem pouco tempo, os doutoramentos foram feitos no estrangeiro.

### Servir a comunidade

No capítulo do ensino, segundo a directora do instituto, professora Maria Helena Galhano, «oferecemos aos alunos possibilidades

tanto na área educacional, como na científica ou científico-tecnológica». O curso de biologia da Faculdade de Ciências, por exemplo, tem uma área, a de zoologia animal, que ali é ministrada. No campo científico-tecnológico, também conhecido por Ecologia e Recursos Zoológicos, há disciplinas cujas aulas são dadas no instituto. Destas vantagens beneficiam ainda os alunos do curso de Sanidade e os estagiários, em contacto muito directo com a investigação que ali se faz, designadamente nos domínios da biologia aquática e da aquacultura. Além disso, o instituto tem ainda a funcionar um laboratório de pa-

tologia, uma «peça» do maior interesse para as unidades de produção intensiva de peixes, através do apoio profilático e terapêutico que presta.

No entanto, ainda segundo a professora Maria Helena Galhano, «a prestação de serviços à comunidade traduz-se fundamentalmente no estudo e caracterização ecológica de albufeiras, dinâmicas populacionais e impacto ambiental».

As investigações e o trabalho que vêm sendo feitos nestes campos pelo instituto, assim como no das rações que vão servir de alimento a peixes em unidades industriais, apontam para novas e melhores perspectivas no relativo ao aproveitamento de albufeiras, para além da produção de energia eléctrica.

### Pela primeira vez em Portugal

De referir, a propósito, que a aquacultura em jaulas flutuantes, pela primeira vez em Portugal, instaladas na Caniçada e no Alto do Rabagão, já produzem dezenas de toneladas de trutas salmoadas. Estas experiências poderão estender-se a outras regiões do País e ainda à aquacultura marinha, de grande importância

para o nosso país. Não se admire, por isso, o leitor se um dia destes lhe for servido em qualquer lado linguço, robalo, rodvalho ou camarão de «aviário».

Na exposição, um «Esquema de Cultura Integrada» dava uma ideia ao visitante de como tudo isso se passará ao futuro. Além disso, eram também mostrados aparelhos usados no fabrico de rações para peixes, e, imagine, feitas a partir de subprodutos de matadouros e aviários! Por outro lado, a cultura de microalgas para alimentos de pequenos peixes é outra das actividades do Instituto de Zoologia Marítima.

Mas, e ainda no campo da investigação aplicada, merecem menção os trabalhos de caracterização ecológica efectuados na Al-

bufeira da Bemposta (Douro Internacional) ou os estudos feitos na Central Térmica do Pego (Abrantes) e na Albufeira do Azibo (Macedo de Cavaleiros). Estudos que permitirão determinar qual o tipo de alterações ecológicas possíveis e perspectivar o desenvolvimento. No caso do Azibo, porque mais vasto, o estudo permitirá efectuar uma caracterização, não só do ponto de vista da biologia aquática, mas também da fauna de aves aquáticas.

### Orçamento do ano para o dia-a-dia

Da prestação de serviços especializados à comunidade resultam alguns rendimentos para o instituto. «O melhor «cliente» tem sido a EDP», referiu a prof.ª Maria Helena Galhano, que mencionou também a participação do instituto nos PIDRs (Programas Integrados de Desenvolvimento Regional) no Alto Minho e em Trás-os-Montes e Alto Douro, em colaboração com a Comissão de Coordenação da Região Norte.

«É isto que nos tem permitido prosseguir com a investigação e melhorar os nossos equipamentos. O orçamento do instituto permite fazer face às despesas do dia-a-dia», afirmou.

Aqueles rendimentos juntam-se ainda subsídios da Fundação

Calouste Gulbenkian e da NATO, para projectos sobre aquacultura. «As verbas desta organização, porém, só podem ser aplicadas em equipamentos e em missões ao estrangeiro», acrescentou, deixando entender o que toda a gente sabe. Que dos cofres do Estado saem apenas gotas para fazer face a um oceano de solicitações.

De recordar, neste contexto, que a falta de verbas impede a direcção do instituto de realizar mais um dos seus sonhos, a reabertura do aquário, destruído pelos temporais marçanhos de 1976. Já agora, recorde-se também que parte dos proventos da exploração da sala de bingo instalada no Silo-Auto devia reverter a favor desta obra. No entanto, na data em que efectuámos este trabalho ainda não tinha chegado sequer um tostão à comissão da instituição da Poz. «Mantém-se, no entanto, a esperança de que essa verba não chegue às mãos», disse-nos o professor João Machado da Cruz, decano da Comissão Científica do instituto. Foram, entretanto, feitas diligências para a sua reconstrução e encontra-se já elaborado um anteprojecto, oferta da Junta de Freguesia de Nevogilde, pelo que, «todas as fontes de comparticipação são bem recebidas», conforme confirmou aquele docente, homem que fundamenta a sua esperança na concretização da obra «nas novas perspectivas que oferece a Lei do Mecenato».

Uma coisa é certa, com dinheiros do bingo ou do Estado, na opinião da directora, «urge recuperar o aquário, não só pela tradição, mas também porque é justo que o Norte recupere este espaço cultural, de grande interesse para o público e extremamente vantajoso para o próprio instituto».

Em resumo, como reconheceu a professora Maria Helena Galhano, «as dificuldades financeiras têm sido as maiores», embora como ela própria ressalva, «não de molde a impedir o normal funcionamento do instituto».

### Novas áreas

Não obstante os obstáculos, o Instituto de Zoologia Marítima lançou-se já ao trabalho noutras áreas. «Estamos agora a trabalhar na investigação dos recursos cinegéticos, embora muito no princípio, mas com enorme vontade de prosseguir os estudos que vêm sendo feitos neste campo». «Já temos dimensão para isto, só que não quisemos começar tudo ao mesmo tempo», acrescentou.

E alguns dos resultados já estão à vista. «Não são muitos ainda os postos de trabalho criados resultantes da investigação com aplicação prática, mas já estamos a dar emprego a algumas pessoas e com qualificação», concluiu a professora Maria Helena Galhano.

Dia

1
2
3
4
5
X
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação Científica Univ. Porto